

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	01	07	F60	01
	UF	SÍTI-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Município de Natividade
LOCALIDADE	Natividade
MUNICÍPIO / UF	Natividade/TO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Ourivesaria
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	São hoje quinze os ourives atuantes na cidade de Natividade – quatro mestres e onze aprendizes ¹ . Foi selecionado o mestre de uma das ourivesarias (Mestre Juvenal) para ser colocado na ficha, como executante ² : Joaquim Valdeídes de Carvalho		☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Ourives	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	12/03/1960
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

1 ENTREVISTAS TO010007F1A2A N°34A41, TO010007F1A2A N°34A42, TO010007F1A2A N°34A43, TO010007F1A2A N°34A44, TO010007F1A2A N°34A45, TO010007F1A2A N°34A46, TO010007F1A2A N°34A47, TO010007F1A2A N°34A48, TO010007F1A2A N°34A49, TO010007F1A2A N°34A56, TO010007F1A2A N°34A63, TO010007F1A2A N°34A90. O GRUPO DE OURIVES É FORMADO ATUALMENTE PELOS SEGUINTES MESTRES: WAL, BISA, JESUMAR E JOÃO BOSCO, E PELOS SEGUINTES APRENDIZES: HELOÍZIO, JOSÉ LEAL, SADAM, DEIVISON, UARDON, SILVANA, EDILMA E ORLEIDE, BENJAMIN E FIDELINO

2 O mestre ourives Joaquim Valdeídes de Carvalho, conhecido como Wal, foi escolhido por ser um dos mais atuantes e fazer parte da ourivesaria que tem o maior número de aprendizes. além do mais é um dos ourives quem vem contribuindo muitíssimo, desde o final dos anos de 1980, para a revitalização do ofício e saber fazer da ourivesaria.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	To	01	00	07	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER
To 01 00 07 F60 01

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 2 Ofícios e Modos de Fazer – TO010007F60A2 nº1 Fotos de 1 a 267 – ourivesaria. Ferreiro - TO010007F60A2 nº6 Fotos 1 a 4; Celebrações – Festa do Bonfim - TO010007F20A2nº28 Fotos 34 a 35, Festa do Divino - TO010007F20A2nº27 Fotos10, 11, 21, 23 28, 55, 67, 68, 70, Festa da Padroeira - TO010007F20A2nº29 Fotos de 1, 3, 5



F1 Pombinha do Divino em filigrana
TO010007F60A2Nº2F70



F2 Brinco da peixe F2 brinco da peixe
TO010007F60A2Nº2F73



F3 Coração,
TO010007F60A2Nº2F33



F4 Crucifixo antigo
TO010007F60A2 Nº2 F23



F5 Crucifixo antigo
TO010007F60A2 Nº2 F25



F6 relicário
TO010007F60A2 Nº2 F28



F7 anel escravo ou anelão
TO010007F60A2 Nº2 F76



F8 pulseira escrava
TO010007F60A2 Nº2 F12



F9 colar lantejola
TO010007F60A2 Nº2 F13

Jóia em ouro –Fotos de Raphael Mendes 2007



F10 Oficina Mestre Jesumar
TO010007F60A2 Nº2 F182



F11 Mesa de trabalho dos ourives
TO010007F60A2 Nº2 F208

Fotos Raphael Mendes 2007



F12 Oficina Mestre Juvenal
TO010007F60A2 Nº2 F124



F13 mestre Jesumar
F13 TO010007F60A2 Nº2 F253



F14 Mestre Wal
TO010007F60A2 Nº2 F255



F15 Mestre Biza,
TO010007F60A2 Nº2 F 249



F16 grupo Aprendizes oficina Mestre Juvenal
TO010007F60A2 Nº2 F 260

Fotos Raphael Mendes 2007 Foto Raphael Mendes 2007

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER
To 01 00 07 F60 01

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 2 Ofícios e Modos de Fazer – TO010007F60A2 nº1 Fotos de 1 a 267 – ourivesaria. Ferreiro - TO010007F60A2 nº6 Fotos 1 a 4; Celebrações – Festa do Bonfim - TO010007F20A2nº28 Fotos 34 a 35, Festa do Divino - TO010007F20A2nº27 Fotos 10, 11, 21, 23, 28, 55, 67, 68, 70, Festa da Padroeira - TO010007F20A2nº29 Fotos de 1, 3, 5



F17 Processo de trabalho - fundição do ouro
TO010007F60A2 N°2 F127



F18 Processo de trabalho - ferramentas
TO010007F60A2 N°2 F130



F19 Processo de trabalho - ferramentas
TO010007F60A2 N°2 F129



F20 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F136



F21 Processo de trabalho - fio
TO010007F60A2 N°2 F142



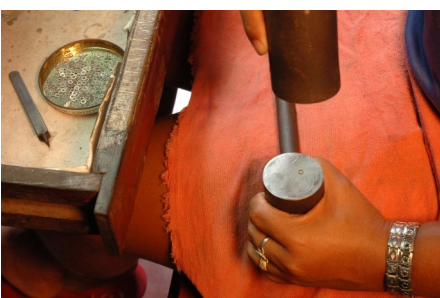
F22 Processo de trabalho - fio
TO010007F60A2 N°2 F144



F23 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F147



F24 Processo de trabalho - fio
TO010007F60A2 N°2 F160



F25 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F161



F26 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F165



F27 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F171



F28 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F175



F29 Processo de trabalho – anel do Divino
TO010007F60A2 N°2 F178



F30 Processo de trabalho – anel do Divino
TO010007F60A2 N°2 F179



F31 Processo de trabalho
TO010007F60A2 N°2 F180

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Natividade, mais do que uma remanescente obscura do Ciclo da Mineração, é uma cidade cuja paisagem e história se compõem por uma grande diversidade de referências e valores culturais extremamente significativos. As celebrações, os ofícios, os saberes e os fazeres, suas edificações e seus lugares, e em especial a serra, ganham tons bastante peculiares, ante o modo como vêm permanecendo ou se perdendo no tempo.

Entre os saberes e ofícios locais³, alguns ainda não desapareceram, continuando vivos e latentes no saber fazer desta comunidade, permeando a vida de seus membros ao longo de sua história, fazendo parte intrínseca da identidade desse povo. A tradicional ourivesaria artesanal de Natividade é o principal exemplo disso, e vem conquistando um reconhecimento cada vez maior por seu valor como saber e ofício. Atualmente é objeto de estudos para seu registro como patrimônio imaterial. A atividade permaneceu viva por quase três séculos, provavelmente dada sua importância local, em função da atividade mineradora que ainda prossegue⁴ e pelo hábito de os mestres-ourives transmitirem o ofício a aprendizes. Desses mestres, os mais conhecidos são: Bernardino de Sena Fernandes, Evaristo Pinheiro, Francisco Rodrigues, Altino de Sena Fernandes, José Luiz, João Milbournes, Leopoldo Hermano, Juvenal Rodrigues Cerqueira, José Fernandes Belo (Mestre Cazuzu) e Antônio Nunes da Silva, entre outros. A ourivesaria nativitana é um ofício privilegiado, sob a perspectiva dos interesses públicos e privados, que mobiliza segmentos significativos da comunidade. Nos início dos anos de 1990, a joalheria começou a ser fomentada pelo Programa Monumenta e uma nova geração de aprendizes foi e continua sendo treinada neste ofício de ourives, pelos mestres das duas ourivesarias existentes na cidade.

Os trabalhos em ouro são antiqüíssimos; remontam à época proto-histórica, e, desde sempre, o ouro foi utilizado como matéria-prima para as mais diversas funções. O ouro pode ser tratado a partir de diversas vertentes: histórica, patrimonial, artesanal, econômica, religiosa, artística, entre outras. Nas cidades portuguesas de Gondomar e Póvoa de Lanhoso, a arte de trabalhar o ouro atravessou gerações, e de Travassos, em Portugal, a Natividade, no Tocantins, saíram preciosidades das mãos dos artesãos locais, com destaque para a filigrana.

Sabe-se que esta arte chegou a Natividade pelas mãos de ourives portugueses e também dos negros denominados *mina*, que eram, freqüentemente, utilizados na mineração, por já trazerem da África métodos de extração aurífera. Na África, os *mina* conheciam a mineração de ouro aluvional que coletavam na curva do Rio Níger, nas áreas de Baimbuk e Buré, desde a Idade Média. A metalurgia africana, em vários aspectos, encontrava-se em um estágio tecnológico mais adiantado que a dos europeus. Enfim, os *mina* foram os mais utilizados durante a fauna extrativista das minas de Goiás, especialmente no século XIX. Esta etnia era valorizada nessa região, posto que já trazia de África várias técnicas de extração aurífera. Entre os luso-brasileiros que investiam nas áreas mineradoras do Brasil, circulava certa fama de que os escravos *mina* tinham poderes de descobrir ouro. Os traficantes luso-brasileiros preferiam os negros e as negras *mina* pelo conhecimento das técnicas de mineração e metalurgia que detinham. Os *mina* assim como outros povos africanos foram agentes de mediação cultural entre os habitantes da Capitania de Goiás. Mesmo que tenham existido adaptações, ressignificações e hibridações culturais, os escravos e as escravas da região da Costa da Mina tornaram-se atores singulares, quando criaram espaços de liberdade e resistência ao moldarem e rearranjarem as práticas culturais da sociedade escravista mineradora, por meio deste “saber fazer”.

A ourivesaria é uma atividade tradicional da localidade e existiram em Natividade grandes ourives. Não se sabe com exatidão desde quando, mas tem-se certeza de que é uma arte secular. Com relação aos antigos mestres, tem-se informação, por meio da história oral, que *Mestre Cazuzu* (José Fernandes Belo, ourives já em Portugal), Antônio Nunes da Silva, Bernardino de Sena Fernandes, Leopoldo Hermano, Altino de Sena Fernandes e Juvenal Rodrigues Cerqueira, entre outros, foram grandes mestres que repassaram a arte de ourives a outros jovens. A ourivesaria é uma das profissões mais antigas do mundo. E em Natividade é uma herança viva dos colonizadores portugueses e espanhóis, sofrendo influência também dos escravos *mina* que habitaram essa região. Essa técnica secular tem sobrevivido nas mãos de hábeis artesãos que aprenderam a arte da filigrana com esses mestres do passado e, mais recentemente, com Mestre Juvenal, um ourives tradicional da cidade, falecido em 1979, e que é tido como referência para os novos mestres. Existem duas oficinas na cidade: Oficina de Jóias Artesanais Mestre Juvenal (mestres Wal e Bisa) e a Oficina do Mestre Jesumar. Hoje os que de fato se ocupam e se dedicam ao ofício da ourivesaria em Natividade são os mestres Jesumar Batista Borges, Joaquim Waldeides Carvalho (Wal), Abisania Ferreira Gomes (Bisa), João Bosco Nascimento e os 11 ourives aprendizes das duas oficinas, somando 15 pessoas. Grande parte do ouro utilizado vem dos garimpos dos municípios vizinhos (Chapada e Príncipe). São fabricadas peças que se tornaram tipicamente nativitanas. Apesar das formas tradicionais, cordões, pulseiras, anéis, brincos e gargantilhas assumem desenhos muito específicos daquela região. Os mais famosos desenhos são a pombinha do Divino, a peixa (o peixe articulado), o coração em filigrana, o crucifixo, o relicário, o anel escravo, a pulseira escrava e o colar de lantejoulas.

Esse trabalho tem como enfoques principais o resgate de peças tradicionais, bem como da forma de fazer essas peças; existe também uma efetiva preocupação no sentido de preparar novos ourives, aprendizes, pois, sem estes novos agentes envolvidos, a permanência desta arte também fica comprometida. Faz-se presente uma preocupação, ao lado do resgate dos desenhos tradicionais: a proposta de novos desenhos, incorporando, entre outros, elementos tipicamente regionais, como, por exemplo, o capim dourado.

3 NERY RAQUEL DA COSTA. NATIVIDADE: PAISAGEM E PATRIMÔNIO DO ANTIGO NORTE DE GOIÁS, APÓS VINTE ANOS DE SEU TOMBAMENTO. MINHA CIDADE, ANO 8, VOL. 10, MAIO 2008, P. 217. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.VITRUVIUS.COM.BR/MINHACIDADE/MC217/MC217.ASP?>CONSULTADO](http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc217/mc217.asp?>CONSULTADO) EM MAIO DE 2008

4 O ouro utilizado na ourivesaria nativitana, em sua grande maioria, ainda é extraído dos garimpos da região, principalmente dos garimpos de Príncipe e da Chapada de Natividade. Entrevista com Adelmo Pereira Barros, garimpeiro - TO010007F1A2A nº 34A64.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01**

Na filigrana⁵, é necessário que o ouro seja de melhor qualidade; em geral, o ouro utilizado é adquirido na região, nos garimpos da Chapada de Natividade e de Príncipe, sendo o ouro deste último preferido, pois, em geral, ele não sofre fraturas e fissuras no processo de fundição. As pedras utilizadas nas jóias, em geral, são obtidas em São Valério, cidade próxima, que possui uma mina de granada e rodolita, mas a lapidação tem de ser feita fora, na maioria das vezes em Goiânia. Outras pedras têm de ser obtidas fora. Aponta o mestre Wal que a maior dificuldade da filigrana está em conseguir o “ouro mil”⁶, para que a filigrana não quebre ao ser confeccionada a jóia, e também para se ter uma qualidade melhor de queima, garantindo, assim, uma duração maior. Mas, quando não se consegue o ouro mil, usa-se também o ouro 22 ou 24, que em geral é um ouro sem purificação. Para ser usado na filigrana o ouro deve ser purificado, o que gera um aumento no volume de trabalho, e, muitas vezes, a perda de alguns gramas de ouro, pois, para a filigrana, há a necessidade de que ele seja bem puro. Não pode haver cobre e ferro misturados, pois provocam rachaduras na filigrana, principalmente na hora da solda. Precisa-se, então, fervê-lo (podem ser necessárias três fervuras), banhá-lo em álcool até que se purifique, e daí precisa-se laminá-lo, para que chegue ao ponto de fazer a filigrana. Para puxar o fio (forma para que seja feita a filigrana), o ouro já é fundido em uma rilheira (2 cm). O maior inimigo do ouro é o chumbo. A articulação do peixe é cabeça, meio, meio, meio e rabo. Deve-se deixar um espaço entre a cabeça e a segunda parte do corpo para dar um joguinho no corpo. Enfim, o trabalho é basicamente artístico e artesanal. Daí ele é despejado em uma calha maior da própria rilheira, onde assumirá uma forma mais próxima da final. Depois, o processo, que antes era feito em bigorna, martelo e marreta, atualmente passa por estes laminadores. Vai-se puxando, puxando, e apertando devagar, até completar um quarto de volta no laminador, para não se produzir uma rebarba. O fio é puxado até chegar ao ponto desejado e vai puxando, vai puxando o fio até ele chegar onde se quer. Depois ele vai passar pelas fieiras, pelas bilhas e vai puxando, vai puxando, refazendo quando tem de refazer. A medida dos fios é conseguida a partir de dois medidores, que são o parquímetro e o micrômetro, os quais permitem a precisão na medida do fio. A escolha da medida do fio depende da peça que se vai executar; por exemplo, se a medida for 0,20, quando o fio chegar a essa medida é torcido um fio para ele virar dois; quando ele chegar a 0,40, torna-se a achatá-lo para deixar na forma da filigrana, até chegar a 0,16, e aí pode ser usado. Do fio virão as formas, e existem várias formas, como, por exemplo, o rococó, com o qual se faz os brincos da pedra rendada, a armação com o qual se faz os brincos flor de maracujá, flor do cerrado, coração nativo, coração de filigrana, coração português e outros mais. Já para fazer outras peças, como a peixinha, usa-se um processo de chapa, você tem também de ter um ouro de boa qualidade, mas pode ser um ouro 750, ouro 18 quilates, e usa-se um molde. De acordo com mestre Wal⁷, até recentemente ainda era utilizada uma técnica de fundição arcaica, provavelmente introduzida pelos escravos africanos, e as peças eram moldadas a partir de moldes de barro e óleo.

O ofício da ourivesaria, as celebrações, as técnicas de produção artesanal local, as formas de expressão são parte da história e do modo de se viver na cidade. E, como já apontado anteriormente, isso tudo congregado ao conjunto do casario colonial⁸, ruas e becos⁹, o quilombo da redenção¹⁰, os garimpos¹¹, o centro de D. Romana¹² e a presença da Serra de Natividade¹³, entre outros, compõem o quadro das referências culturais dessa cidade.

Sua característica fundamental é a ocorrência, em uma fração territorial, do convívio singular entre a Natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades sociais e culturais. (...) Para que a Paisagem Cultural se configure, esses fatores devem guardar uma relação complementar entre si, capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um deles isoladamente¹⁴.

O resgate das técnicas de produção artesanal – com seu potencial de re-apropriação da identidade social – integrado à paisagem preservada, e ao calendário das celebrações, possibilitaria redesenhar o austero destino rural de Natividade, sob uma nova perspectiva de qualidade de vida e cidadania para a comunidade, que finalmente poderia se apropriar de modo simbólico e pragmático de sua herança cultural¹⁵.

Enfim, em razão de sua importância e significação, é fundamental que esta arte tradicional da ourivesaria e da filigrana de Natividade, que subsistiu por quase três séculos, obtenha seu registro como Patrimônio Imaterial.

5 Entrevistas: Joaquim Waldeides Carvalho, ourives (Mestre Wal) - TO010007F1A2A nº 34A17, TO010007F1A2A nº 34A87, TO010007F1A2A nº 34A89; Jesumar Batista Borges, ourives - TO010007F1A2A nº 34A10, TO010007F1A2A nº 34A13, TO010007F1A2A nº 34A15, TO010007F1A2A nº 34A21, TO010007F1A2A nº 34A37, TO010007F1A2A nº 34A61; João Bosco - TO010007F1A2A nº 34A16; José Fernandes Sobrinho, ex-ourives, neto de Bernardino de Sena Fernandes - TO010007F1A2A nº 34A57; Alfredo Batista Borges, ex-ourives - TO010007F1A2A nº 34A59; Abisania Ferreira Gomes (Bisa), ourives - TO010007F1A2A nº 34A20.

6 O OURO MIL É CONSIDERADO UM OURO MAIS PURO.

7 Entrevistas TO010007F1A2A nº 34A17, TO010007F1A2A nº 34A87 e TO010007F1A2A nº 34A89.

8 Ficha de edificações TO010007F30.

9 Ficha de lugares TO010007F5002.

10 Ficha de lugares TO010007F5006.

11 Ficha de lugares TO010007F5005.

12 TO010007F5003 – Centro do Bom Jesus.

13 Ficha de lugares TO010007F5001 – Serra.

14 Luiz Fernando de Almeida. O futuro é a paisagem. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 10 jun. 2007, apud Nery Raquel da Costa. Disponível em: <<http://www.altiplano.com.br/0711natividade.html>>. Acesso em: 10 maio 2008.

15 Natividade: paisagem e patrimônio... – Nery Raquel da Costa. Disponível em: <<http://www.altiplano.com.br/0711natividade.html>>. Acesso em: 10 maio 2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

To

01

00

07

F60

01

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1.**

O trabalho realiza-se basicamente em duas oficinas¹⁶, que dispõem de espaços pequenos e sem a devida adequação para o exercício de um ofício tão delicado. As mesas são desordenadas, evidenciando intenso trabalho e o uso diversificado de equipamentos e materiais, representando a característica peculiar de cada artesão. Principalmente em razão da falta de espaço, a presença de visitantes e clientes interfere no processo de trabalho, pois dificulta a concentração por parte dos ourives. O mercado apresenta-se restrito e com certa sazonalidade, aquecendo-se no período de julho em decorrência das férias, bem como durante as festividades locais, o que leva a produção a apresentar certa irregularidade. Os mestres Wal e Jesumar¹⁷ apontam que as ferramentas utilizadas no processo de trabalho em geral são caras e importadas, vindo muitas vezes da Inglaterra ou da França, sendo muito distintas das utilizadas antigamente, que eram bastante rústicas e exigiam grande esforço físico por parte dos ourives. Entre elas podemos apontar o cadinho, onde se coloca o ouro puro, o maçarico, o gás de oxigênio, usado para derreter o ouro, o laminador elétrico, o laminador manual, a fieira, que é uma peça redonda com buraquinhos que vão de 0,150mm até 0,25mm. Além disso, no processo de purificação do ouro e limpeza das peças usa-se também o ácido amoníaco, a politriz, a escova de pano, a escova de cabelo, água com amônia e sabão¹⁸.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Não há

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

As duas oficinas: Oficina de Jóias Artesanais Mestre Juvenal (mestres Wal e Bisa) e a Oficina do mestre Jesumar.

7. Tempo**7.1. PERIODICIDADE**

O ano inteiro, sem definições de tempo regulares, na verdade a produção das jóias segue a demanda do mercado.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001

¹⁶ VIDE FOTOS 10, 11 E 12.¹⁷ IDEM À NOTA DE NÚMERO 4.¹⁸ Fotos das ferramentas, dos ofícios e modos de fazer - TO010007F60A2 nº 1 __ Fotos de 213 a 234.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER						To	01	00	07	F60	01
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒
2002	2003	2004	2005	2006	2007						
☒	☒	☒	☒	☒	☒						

8. BIOGRAFIA

A atividade da ourivesaria de Natividade tem permanecido viva por quase três séculos e isso provavelmente dada sua importância local, a abundância do ouro e a presença de mestres-ourives que transmitiram o ofício a aprendizes. Os mestres mais conhecidos são os mestres-ourives José Fernandes Belo (Mestre Cazuza), Bernardino de Sena Fernandes, Evaristo Pinheiro, Francisco Rodrigues, Altino de Sena Fernandes, José Luiz, João Milbournes, Leopoldo Hermano, Antônio Nunes da Silva, Juvenal Rodrigues Cerqueira, entre outros. Mas após a morte do Mestre Juvenal, em 1979, houve um lapso no processo de confecção de jóias em filigrana em Natividade. Mestre Jesumar, que foi aprendiz deste grande mestre, mudou-se para Goiânia, onde ensinou dois jovens aprendizes que se transformariam nos mestres Wal e Bisa. Estes, hoje, junto com Jesumar, são as pessoas que vêm treinando os jovens aprendizes na arte da filigrana. Quando retornaram a Natividade em 1990 passaram, juntamente com Simone Camelo Araújo, a fazer o resgate desta tradicional prática em Natividade, que é a arte da filigrana em ouro e prata. Pouco a pouco, Wal e Bisa resgatam as antigas técnicas para a execução das jóias, que vinham se perdendo pela ausência de ourives que com elas trabalhassem. Em 1996 Wal e Bisa participaram do projeto Oficina Mestre Juvenal, que tinha como objetivo ensinar a jovens nativitanos a arte da ourivesaria, mas o projeto não foi bem-sucedido como se imaginava a princípio, ficando desse processo apenas dois aprendizes. Por intermédio da Asccuna, conseguiram com a Embaixada britânica, recursos para aumentar o número de aprendizes, podendo, assim, tomar fôlego e retomar a confecção de algumas peças em filigrana que não vinham mais sendo confeccionadas. Nesse ínterim conseguem ferramentas de um antigo ourives (Altino de Sena Fernandes) e então impulsionam o resgate de peças, como a peixa, o anel escravo, o coração de filigrana, a pulseira escrava, entre outras. O fato de esses mestres responsáveis pelo resgate da filigrana estarem ensinando a ourivesaria aos jovens, principalmente nativitanos, tem, em verdade, contribuído para a preservação desta arte.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Em Natividade, diferentemente de Gondomar¹⁹, o trabalho é todo feito no interior das oficinas e cabe ao ourives a tarefa de encher e decorar as jóias com os delicados fios trançados. Nas oficinas nativitanas, até há bem pouco tempo as mulheres²⁰ não tinham espaço²¹, pois a ourivesaria era uma arte exclusiva dos homens. Finalmente, depois de enchidas, as peças são soldadas, moldadas ou montadas. O ourives coloca a peça sobre uma superfície, em geral a piúca ou sobre a tábua de amianto, polvilha-as com solda e água e pelo reverso, por meio do maçarico, projeta fogo para que as pecinhas se soldem. Este é um momento quase mágico e exige muita atenção por parte do ourives, pois a solda pode romper a peça, colocando todo seu trabalho a perder. Enfim, recozer, montar as estruturas, moldar as partes, branquear são algumas das múltiplas facetas que se seguem até a obtenção da jóia reluzente. Estas são, na verdade, técnicas e processos milenares que nos chegam à luz da raiz dos tempos, que conheceram lentas modificações no decurso da História, e tiveram uma modernização nas ferramentas, mas permanecem e se repetem em pequenas oficinas na cidade de Natividade.

Como apontado anteriormente, a ourivesaria é uma atividade tradicional da localidade e existiram em Natividade grandes ourives. Não se sabe com exatidão desde quando, mas tem-se certeza de que é uma arte secular. A história dos antigos mestres só tem sido possível ser resgatada por meio da história oral, mas muitas dessas histórias ficarão perdidas, em razão da morte dos informantes. Sabe-se que Mestre Cazuza (José Fernandes Belo, ourives já em Portugal), Antônio Nunes da Silva, Bernardino de Sena Fernandes, Leopoldo Hermano, Altino de Sena Fernandes, Juvenal Rodrigues Cerqueira, entre outros, foram grandes mestres que passaram a arte de ourives a muitos jovens. Também como já apontado anteriormente, a ourivesaria em Natividade é uma herança viva dos colonizadores portugueses e espanhóis, sofrendo influência também dos escravos *mina* que habitaram essa região.

¹⁹ Lá o trabalho de encher é entregue às enchedeiras, mulheres que intercalam o trabalho da casa com o da filigrana, em busca de uma renda extra.

²⁰ Hoje na oficina de Wal e Bisa existem duas mulheres aprendizes.

²¹ As mulheres cabia tecer os fios das linhas em seus bordados, principalmente de ponto cruz.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01**

A ourivesaria, essa técnica secular, tem sobrevivido principalmente a partir da década de 1990, ancorada no empenho e na habilidade de artesãos que a aprenderam com esses mestres, em especial com Mestre Juvenal, um ourives tradicional da cidade, falecido em 1979, e que é tido como referência para os novos mestres. Eles têm realizado o trabalho de resgatar as técnicas tradicionais revitalizando esta prática na cidade de Natividade.

O Programa Monumenta, em 2004, aprovou um projeto de apoio às jóias artesanais de Natividade sob a responsabilidade da Fundação Cultural do Estado do Tocantins, em ação paralela com os projetos de restauração patrimonial que estavam em curso na cidade. Um dos objetivos do projeto era o de garantir a sustentabilidade da produção artesanal das jóias nativitanas, bem como verificar sua viabilidade como empreendimento joalheiro. Na verdade, neste processo o que se constata é a viabilidade do empreendimento em razão de alguns elementos fundamentais: o fácil acesso à matéria-prima, a competência dos artesãos, as jóias com alto valor agregado a partir de técnicas quase esquecidas e pouco difundidas no Brasil. Soma-se a isso o fato de ser um produto que tem um mercado próprio, com alcance social. A formação de mais ourives é importante e necessária, pois há a necessidade não só de aumentar a produção, mas também a de criar um estatuto jurídico para a Ourivesaria Mestre Juvenal. Porém, para que isso aconteça, são necessários ao menos 20 sócios. Em razão da produção irregular e do ainda pequeno número de joalheiros, é difícil encontrar produtos acabados nas oficinas, o que impossibilita manter um mostruário. Isso dificulta as vendas, pois o cliente, em geral, principalmente o que compra a varejo, o pessoal de fora, não se conforma em fazer apenas uma encomenda, não levando a jóia na hora da compra.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Segundo Mestre Wal²² o coração nativo e a pulseira escrava são as peças que melhor caracterizam as jóias de Natividade. A pulseira escrava é uma peça que envolve tanto o trabalho em placa como em filigrana, e diz uma lenda que as mulheres nativitanas usavam pulseiras com tantas carreiras quantos fossem seus filhos.

A peixinha foi uma das peças mais difíceis de ser resgatada. As peças que foram presenteadas pelos filhos do antigo ourives Altino de Sena Fernandes contribuíram para o início de seu resgate, mas a sua execução de fato foi conquistada por meio da criatividade e dos esforços empreendidos neste processo pelos ourives.

Cada jóia produzida traz em si as marcas da evolução das técnicas ao longo de milhares de anos. Achados arqueológicos sugerem, por exemplo, que antigos habitantes da Península Ibérica produziam objetos de ouro há cerca de quatro mil anos, conforme a historiadora portuguesa Maria José de Souza. A técnica se resumia ao simples martelar do metal. Posteriormente, foi desenvolvido o recozimento, um processo de aquecimento que permite trabalhá-lo com maior facilidade. Mais adiante, surgiram os moldes e métodos de soldagem, seguidos pelo aquecimento de fios de seção quadrada, torcidos sobre si mesmos. Tais avanços permitiram a assimilação das técnicas de ourivesaria dos conquistadores fenícios que, na bagagem, trouxeram a arte de produzir jóias filigranadas²³.

Prata já era um trem mais popular. Mas tinha pouca filigrana em prata, sabe. Quase não trabalhava em prata, aqui não. Eles trabalhavam mesmo era no ouro. Hoje faz trabalho em prata, faz no ouro. Mas antigamente era mais no ouro. Agora a filigrana, ela tem assim uma criatividade... (Mestre Jesumar, sobre o uso da prata)²⁴.

Mulher não participava, ele não aceitava mulher fazer jóia, nada. Hoje em dia já tem mulher fazendo filigrana. Mas o meu mestre não aceitava que você fizesse uma jóia pra prostituta nem pra pobre, era muito fechado (Mestre Jesumar, sobre a participação das mulheres no trabalho de ourivesaria)²⁵.

Sempre se conseguiu ouro por aqui, sempre teve garimpo pela região. Naquela época era manual mas tinha ouro sempre, vinha de Almas, de Vila Conceição, de Dianópolis, tudo vinha ouro, Peixes, a gente fazia. Tinha as famílias, famílias tradicionais, nós trabalhava direto, famílias tradicionais de Peixes, família Queiroz, trabalhava com a família Ayres e aquelas famílias tradicionais. Gostava de ouro e trabalhava praticamente com esse povo (Mestre Jesumar, sobre como conseguia ouro, e para quem se vendiam as jóias)²⁶.

Sobre os antigos mestres:

Quem ensinou o mestre Juvenal? Foi o Antônio Nunes? Alfredo²⁷: Foi o Antônio, o Antônio Nunes. Ele aprendeu com Antônio Nunes. Sandra: E sabe-se dizer quem ensinou o Antônio Nunes? Alfredo: Não, não sei não, dona, aí tá muito pra trás. Sandra: E o senhor Bernardino Fernandes, o senhor conheceu? Alfredo: Não, não conheci não. Eu vi ele falando muito, mas não sei não. Pra trás devia ser muito importante. Esses da antiga. Sandra: E o senhor Hermano

22 TO010007F1A2A nº 34A17, TO010007F1A2A nº 34A87 e TO010007F1A2A nº 34A89.

23 Programa Monumenta. Jóias artesanais de Natividade. Brasília, DF: Iphan/Monumenta, 2006.

24 TO010007F1A2A nº 34A10, TO010007F1A2A nº 34A13, TO010007F1A2A nº 34A15, TO010007F1A2A nº 34A21, TO010007F1A2A nº 34A37 e TO010007F1A2A nº 34A61.

25 Idem.

26 Idem.

27 Alfredo Batista Borges, ex-ourives - TO010007F1A2A nº 34A59.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01**

Teixeira... e... Leopoldo Hermano Teixeira? Alfredo: Não esse povo pra trás aí, eu não tenho detalhes. Só vi ele conversar desses mestres dos mestres. Cada um ourives bom de lavragem! Esses ourives velhos que fez as coroas de santo fui tudo na lavragem. Que coisa que é arte, não é mesmo. Tem dia que eu sonho com a lavragem.

O ex-ourives falando sobre a peixa: “A peixa... a peixa... a peixa... o que eu achava mais difícil e mais bonitinho era fazer o piau, redoninho. É muito delicado, o cabra tem que ter uma sensibilidade muito, muito grande”²⁸.

Sobre Mestre Juvenal²⁹:

Fazia também o relicário, mas só o Juvenal fazia. Porque você tem que fazer um e colocar dentro de uma caixinha de segredo. Sandra: É esse era de filigrana? Alfredo: Não, era de chapa. Mas se você quiser pode soldar a filigrana por cima pra embelezar, mas enquanto mais ouro, mais pesa. Juvenal fazia também um crucifixo de segredo, no tempo em que aquele povo rico mandava mensagem, né. Fazia nas costas e botava o bilhete dentro. Mas isso levava muito ouro e é somente os mestres dos mestres que faziam. (...) Alfredo: Uma coisa que ele não falava na sua vista. Se tava presente ele falava esse aí ta aprendendo. Aí quando eu saía, ele falava esse aí trabalha bem. Mas nunca elogiava na frente um cabra. De jeito nenhum. E ele era brincalhão brincalhão. Mas na sua vista ele era um, e a hora que você saía ele falava bem de você. (...) Uma coisa que ele falava: “Ourives que é sério não anda com ouro no bolso, não recebe serviço na rua. Serviço é recebido dentro da oficina”. Que é pesado. Pesa o ouro e quando entregar o dono tem que ta presente também pra receber sua peça pronta.

Dudu³⁰ falando sobre seu avô:

Primeiro foi ele, o Antônio Nunes, Vicente Nunes, que ensinou Juvenal, ensinou que era o filho de Vicente Nunes que era filho dele. E um outro senhor, que todo mundo conhecia ele e minha mãe que sempre fala o nome desse. [?] Aí o Juvenal (...) Dudu: Não, tinha muita gente de fora que comprava isso. Até muito tempo pra frente, vinha carta do Rio de Janeiro pro meu avô, encomendando peças. E a, e a, como é que fala. Quem comandava assim era o Correio nas costas assim, com o saco nas costas. Saía daqui pra Paranã, daqui pra Peixe, daqui pra Porto, daqui pra Dianópolis. De lá vinha pra cá. De Peixe saía outro. Paranã saía outros, pra Arraias. E assim, ia tombando até chegar num certo ponto pra lá e pegar outro veículo de transporte, né (...). Quando meu avô fazia esse trancilin, era uma perfeição. Ele fazia o anel, de mão dada. Você puxa aqui, é um anel. Aí o anel abria, você abria a mão aqui, abria o anel. Fazia o anel fechado, bordado, que é um tipo, anelão falado daqueles grandes de pôr na gravata, no lenço, não sei como que é o nome é. As coisas que ele fazia [?] bem mesmo. (...) Ele trabalhava em casa. Lá na casa, lá no tear, tem o fole até hoje (...). Meu avô fazia esse divino demais, fazia os divininho dele aqui. Fazia. Inclusive eu tinha todos os moldes desses povos lá em casa. Cansei de ver isso até há pouco tempo, até depois que essa mudança pra aqui pra acolá pra aqui pra acolá, perdeu essas coisas tudo. Fazia o molde numa madeira mole, que é de cajá, da casca do cajá, e colocava lá numa outra peça, num material mole também, aí derretia o ouro, e jogava em cima. Aí depois ia lixar, ia reparar nas asas, até nas pontinhas das penas assim mostrava que...

Jesumar³¹ falando sobre o Mestre Juvenal e de como faziam a “peixa”:

A peixinha era um símbolo aqui de Natividade, só fazia aqui a peixinha, aí ele fazia as peixinha, ninguém fazia mais peixinha, não conseguia fazer, só o Mestre Juvenal, o Mestre Antônio Nunes, que era o mestre dele que sabia fazer peixinha, que era uma técnica muito difícil, era de cinzelar. Esse serviço hoje tá fora, num existe mais cinzelador. Hoje faz tudo na prensa, fazia tudo na mão batido, formando o desenho que você quisesse com chumbo dentro, eles tentavam fazer isso em Goiânia, em São Paulo e não conseguiam fazer, porque a técnica, eles não sabiam a técnica de colocar o chumbo. Porque o chumbo, ele é inimigo do ouro e se você misturar o chumbo com o ouro ele racha tudo. Aquele num trabalha, tem que ter a técnica pra você misturar o chumbo com o ouro, não pode misturar, você tem que trabalhar ele com o ouro sem o chumbo pra não afetar o ouro. Porque se afetar num presta, a jóia quebra e ele num sabia essa técnica, só o Mestre Juvenal e o Mestre Antônio Nunes que sabiam fazer a peixinha e o anelão e o anel mãozinha. Aí nós fomos, ele me ensinou, eu fiz o primeiro mais ou menos, aí eu fui me aperfeiçoando, tou mais ou menos hoje, até hoje tou trabalhando aí.

Jesumar³² falando sobre a pulseira escrava e o uso das jóias nas festas:

É o povo tinha essa superstição, né, mas num existe isso não, o pessoal fazia. A pulseira escrava foi feita, foi fundida, mas quem usava a pulseira escrava era estatuio, naquele tempo se você botasse uma pulseira escrava de quatro carreira no pulso, você sabia que você estava bem de vida, era rico, aquele que num tivesse a pulseira

28 Idem.

29 Idem.

30 Neto do ourives Antônio Nunes da Silva - TO010007F1A2A nº 34A66.

31 Jesumar Batista Borges, mestre ourives entrevistas: TO010007F1A2A nº 34A10, TO010007F1A2A nº 34A13, TO010007F1A2A nº 34A15, TO010007F1A2A nº 34A21, TO010007F1A2A nº 34A37 e TO010007F1A2A nº 34A61.

32 Idem

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER
To 01 00 07 F60 01

escrava, num era rico, aquele que chegasse na igreja com a pulseira escrava era, era um símbolo de poder, tinha o poder, tinha recurso. Aqui na época da, como eu falei na época da Padroeira, do santo aí, dia oito de setembro todo mundo usa sua jóia bonita que tenha, a expor lá perante a santa (...)³³. Aqui na Festa do Divino todo mundo botava

sua melhor jóia de filigrana, sua melhor jóia, cordal, anel, pulseira, filigrana e recebia da igreja, né. De vezes enquanto eu tou alô, e boto as jóias também e vou lá, eu fiz um broche mais ou menos, bonito assim de filigrana, sabe, aí quando foi na Festa do Divino eu botei, botei um sapato preto e branco, botei uma camisa preta e a calça branca, rapaz eu fiquei galã, rapaz eu dentro da igreja, parecia que eu era o governador, né. Quer dizer, os coronéis antigamente usava isso lá, eu vi os coronéis lá todo mundo de cáqui, vestido de cáqui na maior chiqueza e todo mundo respeitava, tem aquele respeito, aquela tradição, sabe. Hoje o pessoal na Festa do Divino, dia 8, e na Festa da Padroeira o pessoal usa, inda vê ainda, minha irmã, minha mãe....

Jesumar³⁴ ainda falando sobre o Mestre Juvenal e da participação de mulheres na ourivesaria:

E o Bonfim também. Eu conheci o Bonfim, sempre eu ia vender jóias no Bonfim que o meu mestre não aceitava, que naquele tempo a cultura aqui, como se diz, ele não aceitava a gente fazer jóias pra prostituta, você vê o tanto que era fechado (...). Mulher não participava do processo, ele não aceitava mulher fazer jóias nada, hoje em dia o Wal ensinou, já tem mulher fazendo filigrana, mas o meu mestre não aceitava que você fizesse uma jóia pra prostituta, nem pra pobre, era um trem assim muito fechado.

Jesumar sobre o Mestre Juvenal³⁵: “Ele morava ali no fundo da Igreja da Matriz, tinha a oficina dele lá, era uma pessoa muito íntegra e ele, naquela época, firmava muito honestidade, sabe, tudo que ele falava assim, no serviço se ele pra ele entregar no dia, a gente tinha que fazer no dia porque ele era muito correto”.

Cronologia

DATA	Descrição
Séc.XIX séc.XX	e Presença dos ourives mais tradicionais em Natividade tais como: <i>Mestre Cazuzza</i> (José Fernandes Belo, ourives já em Portugal), Antônio Nunes da Silva, Bernardino de Sena Fernandes, Leopoldo Hermano, Altino Sena Fernandes, Juvenal Rodrigues Cerqueira, entre outros, foram grandes mestres que repassaram a arte de ourives a outros jovens.
1979	Morte de mestre Juvenal.
1979/ 1990	Período de refluxo da ourivesaria em filigrana na cidade de Natividade.
1990	Retorno dos mestres Wal e Bisa à cidade – início do resgate das práticas e técnicas da filigrana.
Início dos 1990	Retorno do mestre Jesumar.
1990	Retorno de Wal e Biza a natividade e início do trabalho de resgate das práticas tradicionais da ourivesaria.
1992	Fundação da Asccuna, que vai contribuir para o processo de resgate da prática da filigrana.
1996	Primeira oficina de treinamento para jovens ourives.
2004	O Programa Monumenta aprovou um projeto de apoio às jóias artesanais de Natividade sob a responsabilidade da Fundação Cultural do Estado do Tocantins, em ação paralela com os projetos de restauração patrimonial que estava em curso na cidade.
2005	Passa a ser reconhecida a viabilidade do empreendimento.
2006 a 2008	Amplia-se a prática da ourivesaria na cidade de Natividade, com o crescimento de seu mercado.

³³ TO010007F1A2A nº 34A15.

³⁴ Idem.

³⁵ TO010007F1A2A nº 34A10.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01****10. PRODUTOS PATRIMONIAIS****10.1 REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

As jóias em ouro e prata: grande parte do ouro utilizado vem dos garimpos dos municípios vizinhos (Chapada e Príncipe). São fabricadas peças tipicamente nativitanas como cordões, pulseiras, anéis, brincos e gargantilhas. As mais famosas são a pombinha do Divino, a peixa, o crucifixo, o colar de contas e de “lantejoulas”, a pulseira escrava e o coração em filigrana. Jóias com desenhos mais modernos também têm sido confeccionadas nas ourivesarias, com o intuito de ampliar o mercado.

10.2 PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Purificação do ouro	Separa-se o ouro da prata e retiram-se dele as impurezas.
Fundição do ouro	O ouro em pó (ou a prata) é derretido no cadil, com o auxílio de maçaricos.
Formação da lingüeta	O ouro (ou a prata) é derramado em moldes ou rilheira.
Quando filigrana	Puxar o fio (de ouro ou de prata), formar os fios na espessura necessária para a execução da peça que se deseje realizar.
Laminação Torcer o fio	Dois fios muito finos são colocados juntos e são torcidos dois a dois.
Achatar o fio	Os fios duplos são achatados, apresentando as laterais serrilhadas, e, assim, prontos para fazer a filigrana.
Confecção dos caixilhos	São feitos de ouro ou prata, no formato desejado (coração, flor, pombinha, etc.); é nesse momento que realmente é vista a habilidade do mestre, onde se reconhece a sua verdadeira arte.
Preenchimento dos caixilhos	Preenchimento do caixilho com os “bordados” feitos com os fios torcidos; nesse momento, é necessária a precisão para que a forma, em matéria tão delicada, não se perca.
	Encher os caixilhos com a filigrana.
Fazer as chapas	As chapas são feitas por meio de marteladas e arcos de pua.
Cortar as peças	Parte do processo de modelagem das peças; em alguns casos são utilizados moldes.
Modelagem das peças	Atribuição de forma às peças que comporão a jóia.
Articulação das peças	A habilidade é fundamental para que peças como a peixa tenham o movimento necessário. A articulação da peixa é feita do seguinte modo: cabeça, meio, meio, meio e rabo. É necessário se deixar um espaço entre a cabeça e a segunda parte do corpo para garantir o “joguinho” do corpo.
Solda	Os diversos elementos das peças são soldados, momento em que há habilidade e atenção para que a peça não se perca.
Limpeza	É o momento em que se dá o acabamento, o toque do mestre, do artista, trazendo o brilho para a jóia.

9.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Mestre ourives	Joalheiro que concebe a jóia e a confecciona.
Aprendiz	Aquele que está aprendendo a fazer as jóias. Ele executa as etapas de trabalho para as quais já foi preparado e se acha em condições de realizar.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01****9.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES**

DESCRIÇÃO	Ferramentas e equipamentos..
QUEM PROVÊ	Os próprios ourives.
FUNÇÃO	Garantir a renda do ourives e a manutenção das oficinas de ourivesaria, para confecção das jóias.
DESCRIÇÃO	Ferramentas diversas.
QUEM PROVÊ	Varia de acordo com a especificidade.
FUNÇÃO	A confecção e a venda das jóias.

9.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Ouro, prata, pedras etc.
QUEM PROVÊ	Os próprios ourives a partir dos garimpos da região.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Matéria-prima para a confecção das peças
DISPONIBILIDADE	Nos garimpos da região.
DESCRIÇÃO DAS FERRAMENTAS	Na fundição: maçaricos (para derreter ouro e prata), cadil, rilheira. Laminação: laminador, puxar os fios: fieiras (placas de metal), arcos de serra para cortar e modelar as peças; deste processo ainda fazem parte alicates, tesouras, escovas, compassos, pinças, morsas, martelos; motor de chicote (em vários momentos do processo); politriz para dar brilho na peça, esta é a última ferramenta a ser usada. No caso dos anéis e das alianças são usados os paus de medida ou tribulet. Micrômetros, paquímetros e compassos.

9.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Não há
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Não há
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

9.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Não há
QUEM PROVÊ	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

To

01

00

07

F60

01

FUNÇÃO /
SIGNIFICADO**9.9. DANÇAS**

DESCRIÇÃO

Não há

QUEM EXECUTA

FUNÇÃO /

SIGNIFICADO

9.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO

Não há

QUEM PROVÊ

FUNÇÃO /

SIGNIFICADO

9.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO

Não há

QUEM PROVÊ

FUNÇÃO /

SIGNIFICADO

9.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE

ATIVIDADE

Ourives

A comercialização das peças, que, em geral, é realizada nas próprias oficinas.

10. DESTINAÇÃO DO PRODUTOPARA USO PRÓPRIO ☐VENDE ☒TROCA ☐OUTRO ☐

ESPECIFICAR

PARTICIPAÇÃO NA RENDA
FAMILIARSIM ☒NÃO ☐PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☒COMPLEMENTO ☐

MODO DE COMERCIALIZAÇÃO

DIRETO ☒INTERMEDIÁRIO ☐COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**To 01 00 07 F60 01****11. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES**

Sim parte dos ourives de Natividade vinculados à Oficina de Jóias Artesanais Mestre Juvenal participa da Associação Comunitária Cultural de Natividade – ASCUNA – fundada em 1992

12. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Festa do Divino Espírito Santo	TO010007F2001
Igreja da Matriz, Coroa da Santa, ramallete de flores	TO010007F3003
Filigrana	TO010007F6002
Para melhor elucidação verificar as imagens:	TO010007F60A2 nº 2 Ofícios e Modos de Fazer – TO010007F60A2 nº1 Fotos de 1 a 267 – ourivesaria. Ferreiro - TO010007F60A2 nº6 Fotos 1 a 4; Celebrações – Festa do Bonfim - TO010007F20A2 nº28 Fotos 34 a 35, Festa do Divino - TO010007F20A2 nº27 Fotos 10, 11, 21, 23 28, 55, 67, 68, 70, Festa da Padroeira - TO010007F20A2 nº29 Fotos de 1, 3, 5

13. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não há

14. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**14.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Não há

14.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Arquivo sonoro UFT/FAPTO – TO010007F1A2A nº34, TO010007F1A2A nº34A17, TO010007F1A2A nº34A87, TO010007F1A2A nº34A89, TO010007F1A2A nº34A10, TO010007F1A2A nº34A13, TO010007F1A2A nº34A15, TO010007F1A2A nº34A41, TO010007F1A2A nº34A42, TO010007F1A2A nº34A43, TO010007F1A2A nº34A44, TO010007F1A2A nº34A45, TO010007F1A2A nº34A46, TO010007F1A2A nº34A47, TO010007F1A2A nº34A48, TO010007F1A2A nº34A49, TO010007F1A2A nº34A21, TO010007F1A2A nº34A37, TO010007F1A2A nº34A16, TO010007F1A2A nº34A56, TO010007F1A2A nº34A57, TO010007F1A2A nº34A59, TO010007F1A2A nº34A61, TO010007F1A2A nº34A63, TO010007F1A2A nº34A64, TO010007F1A2A nº34A90, TO010007F1A2A nº34A20

Vídeo em DVD de 56' - TO010007F1A2 nº42 Ourivesaria / Natividade Tocantins

14.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F60A2 nº 2 - Ofícios e Modos de Fazer – TO010007F60A2 nº1

Fotos de 1 a 267

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

To

01

00

07

F60

01

15. OBSERVAÇÕES**15.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Totalmente recomendável, está sendo encaminhado o processo de registro da filigrana. O registro e as ações de fomento.

15.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não há

15.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há

16. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Eunice dos Santos Moura, Gisela, souza, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira l. de Melo, Tatiana Hundrel		
SUPERVISOR	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO		
REDATOR	Sandra Maria Faleiros Lima	DATA Agosto 2007/ revisada Maio 2008	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	UFT/FAPTO		